

Narrativas jornalísticas sobre o assassinato de Santrosa: uma análise da cobertura dos sites *G1 MT* e *Só Notícias*¹

Laís Silva Guilherme²
Nicolli Souza de Castro³
Tamires Ferreira Coêlho⁴
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

Analisa-se a cobertura jornalística do assassinato de Santrosa, personalidade artística e política de Sinop-MT, que era mulher trans e negra, em novembro de 2024. Por meio da análise crítica da narrativa (Motta, 2013), são investigados os sites *Só Notícias* (local) e *G1 MT* (regional), levantando os elementos que compõem e constroem a narrativa do acontecimento, desde os personagens e lugares explicitamente definidos no enredo até os efeitos de sentido gerados através da linguagem utilizada pelos sites ao abordar o assassinato de uma mulher transgênero, marcado por um conflito. Podem ser vistos elementos de desumanização, ao focar no crime e na crueldade que ele materializa em detrimento da trajetória, da vida da cantora e da necessidade de justiça.

Palavras-chave: Santrosa; mulher trans; análise da narrativa; jornalismo; Mato Grosso.

Introdução

Este artigo investiga elementos das narrativas nos gêneros jornalísticos informativos (notas e notícias) sobre o assassinato de Santrosa, artista e figura pública de Mato Grosso. A cantora trans e negra tinha 27 anos, era também empresária e suplente a vereadora pelo Partido da Social Democracia do Brasil (PSDB) na cidade de Sinop-MT, importante polo do agronegócio. Ela se apresentava em seu perfil de Instagram como artista, CEO da produtora “Audácia Records”, suplente política e trazia o link para seu clipe da música “Batidão”, gravado no Rio de Janeiro e lançado em 2022.

Ela “defendia pautas voltadas ao fomento e acesso à cultura para comunidades periféricas do município em que vivia” (Pontes, 2024). Em 10 de novembro de 2024, seu corpo foi encontrado em uma área de mata com indícios de assassinato violento e com requintes de crueldade. Na investigação policial, foi confirmado que Santrosa foi submetida a tortura e cárcere privado durante horas, até o momento do homicídio.

Analisa-se neste texto a cobertura do assassinato de Santrosa em dois veículos de

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21º Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e-mail: lais.guilherme@sou.ufmt.br.

³ Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, e-mail: nicolli.castro@sou.ufmt.br.

⁴ Orientadora do trabalho e professora de Jornalismo da UFMT, e-mail: tamires.coelho@ufmt.br.

comunicação: *Só Notícias* (local) e *G1 MT* (regional). O *Só Notícias* atua há 24 anos, sobretudo em Sinop, Norte de Mato Grosso, e cidades vizinhas do interior, como Sorriso e Lucas do Rio Verde, contando com as editorias de política, polícia, esportes, economia, opinião, geral, saúde, agronotícias e últimas notícias, além de uma seção separada para as publicações audiovisuais. O *G1*, iniciativa do Grupo Globo pensada para o digital, atua em Mato Grosso há 14 anos e, apesar da proposta regional, acaba focando sobretudo na Baixada Cuiabana, região metropolitana de Cuiabá, com as editorias de agro, carros, ciência, economia, educação, empreendedorismo, fato ou fake, guia de compras, inovação, loterias, meio ambiente, monitor da violência, mundo, olha que legal, política, pop & arte, saúde, trabalho e carreira, tecnologia, turismo e viagem.

Para a escolha dos sites jornalísticos, considerou-se a repercussão do caso em nível local/municipal e em nível local/estadual, representados pelo *Só Notícias* e *G1 MT*, respectivamente. A primeira notícia publicada sobre o caso ocorreu data em que o corpo foi encontrado e a última foi em 17 de janeiro de 2025, ambas no “*Só Notícias*”. Anteriormente, nenhuma matéria foi publicada sobre projetos culturais de Santrosa nem sobre seu resultado nas eleições, já que representava a primeira suplente trans da cidade. Assim, de forma a apontar para a precarização da rotina jornalística, discute-se também os meios de publicação digital na profissão.

De qual jornalismo falamos?

Parte-se de Timothy E. Cook (2011), ao entender o processo de produção noticiosa como resultado da rotina institucional da profissão e das escolhas realizadas nesta atividade. Segundo Cook (2011), somente alguns acontecimentos podem e são contemplados pelos repórteres. Depois desta primeira seleção, outras etapas são colocadas à frente, antes de o acontecimento se tornar uma notícia publicada. Essas camadas são regidas por diversos fatores e, entre eles, estão os critérios de noticiabilidade, que seguem a linha editorial de cada veículo de comunicação.

Mauro Wolf (2003) propõe que a noticiabilidade é responsabilidade de jornalistas – repórteres, editores, chefias –, visto que são escolhas realizadas por profissionais em negociações “que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal” (Wolf, 2003, p. 200). Se, conforme Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019), a objetividade jornalística tem raça e gênero, as negociações que envolvem o assassinato de uma mulher trans periférica e racializada, no “Nortão” de Mato Grosso⁵

⁵ Região politicamente mais conservadora do estado, que é o 2º mais violento do Brasil contra a população LGBTQIA+. Disponível em: [Mato Grosso tem segundo maior índice de violência do país contra população LGBT | Gazeta Digital](#).

tendem a reproduzir valores dominantes e, portanto, transfóbicos e racistas.

Para Marcella Rasêra (2010), o jornalismo digital “revoluciona” o processo da apuração, produção e distribuição jornalísticas, aderindo a uma “não-linearidade”, reordenando o que seriam padrões de narração tradicionais até seu surgimento. No entanto, ele não se propõe a mudar o processo de socialização e regimes de visibilidade de mulheres, inclusive daquelas que fogem à cisgeneridade. Além disso, os atravessamentos da digitalização nas profissões jornalísticas se associam a “reinvenções” precarizadas, não apenas em Mato Grosso, caracterizadas por elementos como o desrespeito à carga horária, o enxugamento das redações, o acúmulo de funções e a sobrecarga, a falta de estrutura física e logística, configurando um contexto que compromete a produção noticiosa de qualidade (Coêlho; Salesse, 2021), acentuados pela pandemia e ainda presentes.

María Reimóndez e Lorena Iglesias (2011) apontam, dentre os principais erros jornalísticos (persistentes nas práticas digitais) que afastam a cobertura da justiça social, o sensacionalismo (busca do noticiável nos aspectos sensacionalistas), a exotização (olhar exótico sobre essa alteridade com quem o público não se reconheceria) e a posição frequente de vítima/culpada atrelada às mulheres. Os três problemas podem ser vistos na cobertura do caso analisado: a crueldade da morte e o fato de ser uma mulher transgênero são elementos destacados de modo sensacionalista desde os títulos, a identificação da vítima como “outra” (não seria uma mulher como outras) e a culpabilização sugerida de Santrosa por suposto envolvimento (não comprovado) com drogas ilícitas.

Procedimentos metodológicos e a Análise da Narrativa

Pesquisou-se “Santrosa” como palavra-chave no campo de busca das plataformas online dos sites, resultando em: 10 matérias no Só Notícias e, destas, sete foram selecionadas por tratarem exclusivamente do caso de Santrosa; 6 matérias do G1 MT. Destaca-se novamente que nenhuma matéria anterior ao assassinato da ex-suplente foi encontrada na busca, conforme a palavra-chave utilizada.

Para fundamentar a pesquisa, utilizou-se a narratologia – teoria da narrativa –, de Luiz Gonzaga Motta. No livro “Análise Crítica da Narrativa” (2013), Motta propõe três instâncias de análise: plano da expressão, plano da estória e plano da metanarrativa.

A análise da narrativa incide principalmente sobre o plano da estória (o foco está na sequência das ações, encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenários, personagens, seus papéis ou funções, etc.). Mas este plano está inexoravelmente dependente do plano do discurso ou da linguagem, sem o qual a estória não se projeta e as intenções comunicativas não se revelam. Além disso, a análise dificilmente se completará se relegar pouca atenção à relação entre os modelos de mundo ou metanarrativas de fundo (o terceiro plano) [...] (Motta, 2013, p. 146).

No livro “Como analisar narrativas” (1998), Cândida Vilares Gancho identifica cinco principais elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Estas categorias amplas também serviram como marcadores de análise do texto, explorando, também, suas subcategorias. A narração é constituída de começo, meio e fim, compondo uma sequência de eventos de interesse humano em determinado lapso temporal, e a narrativa “põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais [...]” (Motta, 2013, p. 74).

Dessa forma, constrói-se um enredo, com conflitos – depois de sua introdução, ocorrem as complicações, o clímax e o desfecho – entre personagens primários e secundários. Os personagens são classificados de acordo com sua participação na narrativa; como exemplo, existem os heróis e anti-heróis. A narrativa é deslocada para um determinado tempo e espaço, importantes para situar o leitor no contexto da história. Para a construção e projeção desta história, são utilizados os relatos do narrador. Assim, obtém-se os cinco principais elementos da narrativa de Gancho (1998).

Entretanto, Gancho determina-os a partir de narrativas de ficção. No contexto jornalístico, as categorias secundárias são imprescindivelmente delimitadas com certa rigidez, característica que diferencia gêneros textuais; neste caso, o gênero informativo noticioso não utiliza – ou não deveria utilizar – acontecimentos fantasiosos e ficcionais para sua narrativa. Ao combinar as teorias propostas por Gancho, representadas pelos elementos acima, e por Motta, representado pela identificação e contextualização desses marcos no relato jornalístico, tem-se a narrativa no jornalismo.

As narrativas são representações, construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais linguisticamente organizadas a partir de nossas experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado. (Motta, 2013, p. 88).

O enredo de uma notícia deve relatar os fatos, tentando aproximar-se de um conceito de verdade baseado na verificação e na checagem. Os personagens narrativos representam pessoas reais. Na impossibilidade de retratar todos os aspectos humanos de um indivíduo, alguns traços são colocados em evidência, construindo, assim, a identidade do personagem. O narrador é o repórter e suas fontes, que podem aparecer em discurso direto ou indireto. A ambientação também é feita pelo jornalista, combinando tempo e espaço. O tempo, no contexto midiático, ganha um destaque particular. A rotina jornalística é centrada na noção de tempo e atualidade. Dessa forma, os episódios narrativos no contexto de mídia informativa são organizados a partir da publicação das matérias.

Cruzando as visões sobre a percepção da análise da cobertura, encontram-se os planos de expressão, história e metanarrativa. Assim, com base em uma perspectiva barthesiana, o nível da linguística é sobreposto pelo nível do discurso, apesar das três instâncias propostas por Motta serem complementares. No plano da expressão, o “enunciado narrativo” é organizado pelo narrador a partir da linguagem, seja ela visual, sonora, verbal ou outra. (Motta, 2013, p. 146). Enquanto isso, o plano da história é “o plano virtual da significação em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo [...]” (Motta, 2013, p. 148). É neste plano que os cinco elementos de Gancho (1998) se distribuem. Por fim, o plano da metanarrativa representa o plano de fundo da história, regida por valores morais e éticos.

Cobertura do Só Notícias

Entre os dias 10 e 12 de novembro de 2024, foram publicadas quatro matérias, duas delas no dia 11/11. As matérias tratam dos assuntos: corpo encontrado, sepultamento, linha de investigação e o pedido de apuração da Bancada Feminina. Posteriormente, duas matérias foram publicadas em dezembro do mesmo ano, relatando o cumprimento dos mandatos e a prisão de um suspeito. A última notícia é de janeiro de 2025, com outra prisão. Dessa forma, o veículo constrói uma sequência lógica e linear dos acontecimentos. O período de publicação não é equidistante, visto que os fatos não são produzidos.

O enredo começa com a Polícia Civil encontrando o corpo da vítima, a identificação das lesões e os outros procedimentos padrões de perícia, como encaminhamento do corpo ao Instituto Médico Legal (IML). O espaço é caracterizado unicamente: a “área de mata na região dos Vilas” (Ramirez, 2024b). Os principais personagens apresentados são Santrosa e o perito criminal Deusimar Rosa, que presta depoimento como autoridade ao site. Inicialmente, a suplente é descrita como “um corpo” e é enunciado seu estado (lesões). Depois, um breve parágrafo situa o leitor sobre a vítima, colocando-a como ex-suplente (algo abordado desde o título) e cantora.

No dia seguinte, o sepultamento é divulgado. O cemitério municipal é o ambiente, sem muitos detalhes. A família e os amigos são apresentados, também brevemente. Na outra notícia, o delegado Bráulio Junqueira aponta uma linha de investigação, em que a vítima foi assassinada por envolvimento com uma facção criminosa. Estas duas matérias são breves e expõem novas informações, dando sequência à narrativa.

A matéria do dia 12 apresenta outro personagem importante: a Bancada Feminina do Senado. A representante é a senadora Leila Barros. Pela primeira vez Santrosa é identificada como “transsexual” e a matéria discorre sobre a vivência e vulnerabilidade da população transgênero, além da exigência de uma investigação rigorosa. “A Bancada Feminina do Senado também se solidarizou com a família e amigos de Santrosa e reafirmou o compromisso de ‘lutar por uma sociedade inclusiva e respeitosa, onde a vida, a diversidade e os direitos humanos sejam plenamente assegurados’” (Redação, 2024a). Dessa forma, o jornal dá visibilidade à população transgênero e seus ideais, além de legitimar a defesa de aumento da segurança pública a esta população. Um breve conflito é estabelecido, tendo em vista a pressão política que a Bancada Feminina impõe à polícia. A Delegacia de Homicídios e Proteção de Pessoas (DHPP) é apresentada no próximo episódio, cumprindo os mandatos de busca e apreensão dos suspeitos. Assim, eles representam os anti-heróis – aparecendo explicitamente pela primeira vez –, enquanto os representantes da polícia representam os heróis. É nesta matéria que surge a primeira complicação que envolve os personagens. Além disso, surgem novos dados da investigação, como o local em que Santrosa foi mantida em cárcere privado, como foi sequestrada e outros detalhes do homicídio. Então, estabelece-se a não-linearidade, visto que estes fatos aconteceram antes dos outros publicados, conforme a apuração é realizada. A última notícia publicada relata uma nova prisão e reafirma a violência contra pessoas transgênero, deixando o tema no plano da metanarrativa.

A construção dos anti-heróis ou antagonistas aparenta buscar o retrato de brutalidade, sem elementos de linguagem que podem situar empatia do leitor aos suspeitos. Trechos como “Assim que atingiu a maior idade, ele foi preso por crime de tráfico de drogas e, tão logo ele saiu da cadeia, ele se envolveu nesse homicídio brutal que ocorreu com a Santrosa [...]” e “A forma brutal com que foi encontrada, decapitada e com os pés e mãos amarrados, repercutiu nacionalmente” (Cunha, 2025) são exemplos dessa organização.

Por outro lado, a imagem da ex-suplente é feita a partir dos projetos culturais e sociais que elaborava. Ela é retratada como vítima, apesar do apontamento sobre tráfico de drogas: “[...] minha equipe foi atrás e agora pela manhã conseguiu informações importantes, dizendo que o motivo da morte seria cabritagem (vender drogas sem autorização do grupo criminoso)”, explicou o delegado” (Ramirez, 2024a).

Cobertura do G1 MT

No portal de notícias G1 MT foram publicadas seis matérias sobre o caso, entre os dias 10/11 e 13/12/2024, definindo o tempo do enredo. O principal espaço identificado na narrativa é a casa de Santrosa, de onde ela foi vista saindo pela última vez.

De acordo com Gancho (1998), o conflito é o elemento que estrutura a história, sendo útil na compreensão da organização dos fatos. A autora o define como “qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (Gancho, 1998, p. 8). Na segunda notícia de G1 MT (em 11/11), é possível identificar um conflito entre a protagonista e um provável antagonista definido pela polícia na investigação do assassinato, com base na forma com que o corpo da vítima foi encontrado. Segundo o delegado Braulio Junqueira, personagem secundário que representa a polícia, Santrosa foi morta por uma facção criminosa. Essa suspeita se estende até o desfecho do enredo, quando dois adolescentes são apreendidos e confessam participação no crime. Os desdobramentos da investigação são abordados em reportagens televisivas.

Há ainda outros personagens secundários. O pai é constantemente citado, visto que era com ele que a cantora morava (Janazzi, 2024). A mãe e os amigos também são trazidos nas notícias através de falas lamentando a morte e comentários positivos a respeito da figura da cantora (Janazzi, 2024). A Associação da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Mato Grosso publicou uma nota declarando preocupação com a resolução do caso. Através de uma breve citação repetida em metade das notícias analisadas, a instituição também se configura como um personagem secundário do enredo.

Apesar de ter supostamente como critério a imparcialidade diante da informação, é perceptível que cada veículo se constitui ideologicamente, geralmente aderente à classe dominante da sociedade. Jaqueline Crestani (2010) explica que o texto jornalístico é resultado de um recorte da realidade, sem neutralidade e em um movimento permanente de inclusão e exclusão da “realidade objetiva” no processo de representação dos fatos.

O texto noticioso está carregado de valores, os recortes e os tópicos colocados em destaque constituem o discurso construído pelo jornal através da linguagem, definidos por Motta (2013) como o plano de expressão. Em todas as seis notícias publicadas pelo G1 MT, é mencionada a forma como a vítima foi encontrada: decapitada com as mãos e pés amarrados. Em três delas, a informação é abordada desde o título. A constante repetição desse fato resulta na criação de um sensacionalismo quanto ao assassinato da cantora, provocando efeitos de sentido nos leitores, tais como comoção, medo e raiva.

O plano da estória não existe sem o plano do discurso, ele é construído a partir dos episódios colocados em sequência cronológica no texto. A maneira em que os fatos estão organizados são fundamentais para a estruturação do enredo. Na análise, os episódios identificados são: a descoberta do corpo; o descarte da possibilidade de transfobia e o início da investigação de morte por facção; a suspeita de que a vítima estava agindo contra a facção e a apreensão de dois adolescentes pelo assassinato.

No plano da metanarrativa, de acordo com Motta (2013), é considerada a estrutura profunda da narrativa, que reproduz imaginários culturais e apresenta perspectivas políticas e ideológicas de análise do texto noticioso. A importância política de Santrosa é ressaltada em cinco notícias, como suplente de vereador em Sinop, segundo o G1 MT. No entanto, nenhuma das pautas é trazida nos textos, apresentando de forma superficial esse aspecto relevante sobre a vida da cantora.

Considerações finais

A abordagem do caso pelos dois sites evidencia principalmente aspectos do assassinato da cantora e constitui o enredo baseando-se no conflito observado pela investigação. As negociações são percebidas nas escolhas feitas pelos portais durante a construção da narrativa, configurando os planos da expressão, da estória e da metanarrativa de acordo com Motta (2013). Através da ênfase e da linguagem do discurso, os sites transmitem seus valores de forma sucinta no decorrer do texto.

Os elementos estabelecidos por Gancho (1998) – enredo, personagens, tempo, espaço e narrador – estão claramente definidos na história da morte de Santrosa. O G1 MT, apesar de possuir maior visibilidade e credibilidade junto a um público maior, não traz a Bancada Feminina do Senado em nenhuma das notícias publicadas, ignorando a relevância das falas da senadora Leila Barros para a comunidade trans. Há, portanto, diferenças quanto a personagens e à complexidade do enredo nas abordagens.

Podem ser vistos elementos de desumanização, ao focar no corpo sem vida e na crueldade que ele materializa em detrimento da trajetória e da vida da cantora. Enquanto Só Notícias enfatiza Santrosa como referência política (sem especificar sua transgeneridade, deixando de exotificar este aspecto, algo geralmente feito por jornalistas e veículos partindo de uma perspectiva de suposta neutralidade heterossexual e cisgênera), G1 MT a define como cantora transexual, aspecto trazido como chamariz, estando sempre em títulos e frases iniciais. Por outro lado, o site local nunca tinha abordado Santrosa como política até sua morte e G1 não apenas omite, como também sequer identifica personagens, como “amigos da cantora” (Pontes, 2024).

Assim, vale ressaltar as contribuições da análise crítica da narrativa para investigação de acontecimentos jornalísticos que envolvem o crime contra uma figura pública trans, constituindo um fenômeno complexo em que violências simbólicas afetam a cantora, de forma sutil ou explícita. Os elementos analisados revelam problemas que impedem uma abordagem mais profunda e questionadora sobre a possibilidade de Santrosa ter sido alvo de transfobia. Mesmo quando a mulher trans é vítima de assassinato, ela é culpada (neste caso, por sua morte), sendo criminalizada, associada ao tráfico de drogas. Isso também aponta para limitações de uma apuração jornalística digital dependente demais de mediação tecnológica e da versão inquestionável de instituições policiais, em que não há deslocamento de jornalistas para a cobertura in loco, exotificando e criminalizando pessoas que fogem à heterocisnormatividade. Esta pesquisa também ajuda a refletir sobre violências produzidas pelo jornalismo digital quando prioriza quantidade em detrimento da qualidade dos conteúdos publicados, bem como gera títulos sensacionalistas direcionados à capturar cliques em vez de informar eticamente.

Referências

COELHO, Tamires Ferreira; SALESSE, Marcos. Alterações em rotinas produtivas e indícios de precarização do trabalho jornalístico durante a pandemia de Covid-19. In: 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2021, Brasília. **Anais...**, Galoá, 2021.

COOK, Timothy. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, dezembro de 2011.

CRESTANI, Jaqueline. **Narração e Jornalismo**: O narrador na “esquina” de Piauí. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2010.

CUNHA, Wellington. Preso suspeito de envolvimento em assassinato de ex-candidata a vereadora em Sinop. **Só Notícias**, 2025. Disponível em: <https://www.sonoticias.com.br/policia/preso-ultimo-suspeito-de-envolvimento-em-assassinato-de-ex-candidata-a-vereadora-em-sinop/>. Acesso em: abril de 2025.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1998.

JANAZZI, Bianca. 'Nós a perdemos e não sabemos o motivo', diz pai de cantora trans assassinada em Sinop (MT). **G1 MT**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/11/12/nos-a-perdemos-e-nao-sabemos-o-motivo-diz-pai-de-cantora-trans-assassinada-em-sinop-mt.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

MORAES, Fabiana; SILVA, Marcia Veiga da. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: Encontro Anual da Compós. **Anais...** Porto Alegre, junho, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

PONTES, Sofia. CEO, suplente e modelo: saiba quem era a cantora trans achada morta com mãos e pés amarrados em MT. **G1 MT, Sinop**, 11 de novembro de 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/11/11/ceo-suplente-e-modelo-saiba-quem-era-a-cantora-trans-achada-morta-com-maos-e-pes-amarrados-em-mt.ghtml>. Acesso em: 25 de abril de 2025.

RAMIREZ, Kelvin. Delegado aponta linha de investigação de assassinato de ex-candidata a vereadora em Sinop. Só Notícias, 2024a. Disponível em: <https://www.sonoticias.com.br/policia/delegado-aponta-linha-de-investigacao-de-assassinato-de-ex-candidata-a-vereadora-em-sinop/>. Acesso em: abril de 2025.

RAMIREZ, Kelvin. Ex-candidata a vereadora é encontrada decapitada em Sinop. Só Notícias, 2024b. Disponível em: <https://www.sonoticias.com.br/policia/ex-candidata-a-vereadora-e-encontrada-decapitada-em-sinop/>. Acesso em: abril de 2025.

RASÊRA, Marcella. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. **Ícone**, Pernambuco, v. 12, n. 1, agosto de 2010.

REIMÓNDEZ, María; IGLESIAS, Lorena. A xustiza social dende a perspectiva de xénero. In: POUSA, Luís; RAMA, Belén (ed.). **Rompendo moldes**: áreas de especialización e xénero no xornalismo. Santiago de Compostela: Atlántica, 2011.

REDAÇÃO. Bancada feminina do Senado pede apuração rigorosa sobre morte de suplente de vereadora em Sinop. Só Notícias, 2024a. Disponível em: <https://www.sonoticias.com.br/politica/bancada-feminina-do-senado-pede-apuracao-rigorosa-sobre-morte-de-suplente-de-vereadora-em-sinop/>. Acesso em: abril de 2025.

REDAÇÃO. Cantora trans é achada morta com mãos e pés amarrados em Sinop (MT). G1 MT, 2024b. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/11/10/cantora-trans-e-achada-morta-com-maos-e-pes-amarrados-em-sinop-mt.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

REDAÇÃO. Dois adolescentes são apreendidos e confessam participação em assassinato de cantora trans em MT. G1 MT, 2024c. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/12/13/dois-adolescentes-sao-apreendidos-e-confessam-participacao-em-assassinato-de-cantora-trans-em-mt.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

REDAÇÃO. O que se sabe e o que falta esclarecer sobre assassinato de cantora trans encontrada com mãos e pés amarrados em MT. G1 MT, 2024d. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/11/12/o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer-sobre-assassinato-de-cantora-trans-encontrada-com-maos-e-pes-amarrados-em-mt.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

REDAÇÃO. Polícia descarta transfobia e investiga se cantora trans encontrada decapitada foi morta por facção criminosa. G1 MT, 2024e. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/11/11/policia-descarta-transfobia-e-investiga-se-cantora-trans-encontrada-decapitada-foi-morta-por-facciao-criminosa-diz-delegado.ghtml>. Acesso em: abril de 2025.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.